

Outras verdades

O poeta é aquele que vive com as coisas, que está atento ao Real, que sabe que as coisas existem. [...] A visão do poeta é original, limpa de intermediários, pura, viva e descobridora.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Para Sophia de Mello Breyner Andresen a poesia sempre principiou na concretude do real. A sua atenção, concentrada nas coisas, almeja o desvelamento da verdade primordial do ser no seio do aparecer, num processo de nomeação exacta no qual a beleza e a verdade coincidem.

É este, como ela própria diz, o “estar-ser-inicial”, o brilho que, no rolar da vida, suspende o tempo, ou, sempre com palavras de Sophia, o “instante que surpreende e fita e enfrenta a eternidade”.

Assim, o poeta cria o domínio da “terrível pureza”, domínio em que não há lugar para a mentira, e onde a verdade reina e impõe o seu clarão.

Neste processo, os lugares são o manancial da poesia; neles o declinar da vastidão ou do detalhe faz-se linguagem. A praia, o mar, o bosque, a floresta, a cidade, a casa, o quarto, a mesa são ditos com a voz que lhes pertence, num gesto de depuração extrema.

No corpo da paisagem Sophia experiencia o encontro entre imanência e transcendência, e o “amor pelas coisas visíveis” torna-se sinal do sagrado, erguendo-se em canto.

Na procura da descrição desse domínio, em que objectividade e subjectividade constantemente se fundem, nasceu o convite aos fotógrafos António Jorge Silva, Duarte Belo e Pedro Tropa, para que os seus olhares se viessem medir com os lugares de Sophia, e para que, através destes outros artistas, se pudessem revelar outras vertentes que, partindo da observação, reverberassem outras verdades.

Federico Bertolazzi